

MÃES E FILHOS(AS): A REINCIDÊNCIA DO ABUSO SEXUAL ENTRE GERAÇÕES¹

Daniele Jane da Silva Oliveira²

1. INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo da **reincidência do abuso sexual em uma mesma família entre gerações** parte de indagações, inquietações surgidas durante as atividades desenvolvidas no Serviço Social do *Centro de Defesa da Criança e do Adolescente Yves de Roussan* – CEDECA/BA, no período de agosto de 2001 a dezembro de 2002. Esta instituição tem como objetivos a proteção integral de crianças e adolescentes, na perspectiva de garantia e defesa dos seus direitos, para combater toda espécie de violência contra os mesmos, visando à luta contra a impunidade.

A inserção na realidade do campo de estágio despertou na aluna o interesse de compreender melhor a violência sexual cometida contra crianças e adolescentes no País, bem como em dar continuidade ao processo de reflexão sobre as relações construídas entre os membros de cada grupo familiar atendidos na instituição.

Com base na participação no grupo de familiares cujos filhos(as) foram vítimas de abuso sexual, a estagiária levantou o seguinte problema para estudo: “Quais os fatores que contribuem para a reincidência, em uma mesma família, do abuso sexual a crianças e adolescentes fora ou dentro do âmbito familiar, cujas mães também foram sexualmente abusadas na infância?”.

No Brasil, a discussão sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes, ainda com pouca produção científica, passa a compor a agenda de debates políticos e acadêmicos somente a partir da década de 90, como resultado do acirramento das desigualdades sociais, a exemplo da questão de gênero, raça/etnia e desemprego, passando, assim, a fazer parte do cenário de lutas da sociedade civil pelos direitos humanos. Seu ápice se dá com o Estatuto da Criança e do Adolescente, que tem como pressuposto legal a Constituição Federal Brasileira de 1988.

2. METODOLOGIA

Compreender o abuso sexual contra crianças e adolescentes, dentro de uma concepção crítica, é o ponto de partida deste estudo, o qual foi norteado pela hipótese de que a promiscuidade, a impunidade e a omissão, inconscientes ou não, dos responsáveis facilitam a reprodução do abuso sexual na mesma família.

Para o presente estudo, recorreremos à pesquisa bibliográfica e à análise dos dados empíricos, coletados a partir da pesquisa documental na instituição e da realização de entrevistas semi-estruturadas em profundidade com o grupo de mães que possuíam características da reincidência na problemática do abuso sexual. As entrevistas tiveram por objetivo identificar a compreensão das mães acerca do problema, bem como observar, em especial, aspectos relativos à história de vida, perfil socioeconômico, cultural e emocional das entrevistadas.

Neste sentido, o trabalho apresentado tem como principais objetivos: 1) compreender a violência sexual que ocorre com crianças e adolescentes em uma perspectiva sistêmica, a partir da realidade vivenciada com famílias de vítimas de abuso sexual no CEDECA/BA e 2) identificar fatores que determinam ou contribuem para a repetição do abuso sexual na mesma família entre gerações. Para tanto, o estudo foi estruturado em duas partes.

A primeira parte analisa a situação da família como espaço de socialização de crianças e adolescentes, sendo abordados o conceito de família, seus papéis e funções. Enfatiza o processo de socialização na concepção da família, bem como as mudanças e os desafios vivenciados por ela

¹ Monografia de conclusão do Curso de Serviço Social sob a orientação da Professora Osvalnice Seixas Romani.

² Assistente Social, egressa da Escola de Serviço Social da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

frente ao processo de exclusão social. O estudo visa a uma análise de como as relações familiares desenvolvem-se no processo de construção do tecido social, ou seja, a família e os seus determinantes sociais, culturais e econômicos.

A segunda parte retrata a violência doméstica e suas conseqüências no desenvolvimento biopsicossocial de crianças e adolescentes, analisando especificamente a problemática do abuso sexual, suas características e conseqüências. Faz uma análise de casos atendidos na instituição, priorizando os que demonstram indícios da reincidência do abuso sexual na mesma família, independente de serem o mesmo agressor e a mesma vítima.

Enfim, o estudo analisa o processo da família vitimizada, as relações, comportamentos cultivados pela violência sexual, assim como o medo e a impunidade, tomando como referências as representações sociais da linguagem trabalhada em discursos simbólicos nos quais os sujeitos sintetizam o conhecimento sobre a vida real.

3. RESULTADOS / CONCLUSÕES

No desenvolvimento deste estudo pôde-se concluir que os casos de abuso sexual de filhas (os) de mulheres que também já estiveram em situação de abuso sexual na infância/adolescência estão relacionados a fatores da própria estrutura familiar, embora esta estrutura seja resultante de um macrosistema. Neste macrosistema alguns fatores são bastante visíveis e pouco percebidos como contribuições na ocorrência do abuso sexual, em específico, na reincidência do fato entre gerações em uma mesma família, independente de serem o mesmo agressor ou a mesma vítima, tais como: o desenvolvimento psíquico e psicológico individual dos seus membros; os valores sócio-econômico-culturais presentes na relação de gênero, na qual a mulher é vista pela concepção masculinizada e machista como mero objeto de desejo e de satisfação sexual; a repetição dos padrões e valores familiares intergeracionais; e, por fim, um sistema social que mantém a impunidade dos agressores.

A família na abordagem sistêmica é compreendida como uma base criada a partir de relações interpessoais nos diversos arranjos familiares para sustentar, proporcionar o desenvolvimento biopsicossocial equilibrado à criança e ao adolescente. Crianças e adolescentes têm características diferentes, cada uma de acordo com a sua fase. A vulnerabilidade está prioritariamente presente na infância e sua variação define-se gradualmente, de acordo com a formação de sua identidade, a qual terá um equilíbrio desejável a partir da estruturação de cada família, que deve se basear em padrões de comportamento e de valores construídos coletivamente.

A construção dos padrões de comportamento e de valores deve contemplar a participação de pais e crianças/adolescentes, por meio de uma comunicação subsidiada no diálogo. Esta relação deve iniciar-se na formação da díade primária, ou seja, a partir da união planejada do homem e da mulher, que em um processo contínuo de fortalecimento de vínculo desenvolvem a perspectiva de ter filhos. Durante este processo, conhecido por díade conjunta, desenvolve-se a socialização na família com vistas à chegada da criança, a qual, no decorrer do tempo, irá observar os comportamentos dos pais, apreendendo-os. Quando este processo não se desenvolve, por alguma interferência qualquer, ocorre o que os teóricos sistêmicos definem como disfunção do papel familiar.

Nas famílias vitimizadas pela violência sexual, crianças e adolescentes ficam mais vulneráveis, devido a estarem inseridas em uma relação de autoridade e poder estabelecida e à disfunção pela qual passa a família. Nela, crianças e adolescentes, muitas vezes, assumem inconscientemente responsabilidades consideradas inadequadas para suas idades, inclusive, assumindo, em alguns casos, a posição de parceiro sexual imposta pelo adulto, o que leva a uma interferência intergeracional.

A família sofre todas as transformações societárias. Ela é o microsistema composto pelas interações entre os membros familiares. À medida que sofre interferências do messosistema, a partir das interações estabelecidas com outros microsistemas, tais como creche, escola, grupo de

amigos, dentre outras, a família também influencia nos padrões, normas e valores das demais pessoas. O macrosistema abrange todos os demais sistemas, influenciando através da estrutura sócio-econômica e político-cultural o relacionamento nos microespaços e nas interações pessoais.

Nesse sentido, é importante que a família, bem como as pessoas nos seus microsistemas, compreendam as mudanças sociais, pois delas podem resultar as mudanças que poderão interferir no equilíbrio de toda e qualquer família. Sua função precípua será ter a capacidade de construir de forma coletiva, os seus valores, padrões e costumes, com base na responsabilidade que a sociedade atribui à família em relação à criação de crianças e adolescentes, considerando suas vulnerabilidades enquanto sujeitos em formação.

Diante do contexto sócio-político-econômico e cultural, o desenvolvimento biopsicossocial da criança e do adolescente tem sido comprometido devido às desigualdades sociais e injustiças sociais. Estes fatores são evidenciados na atual conjuntura por elementos como a baixa renda, as precárias condições de moradia, a baixa escolaridade, as precárias condições de saúde, alimentação, dentre outras violências pouco percebidas no cotidiano. Tudo isso contribui negativamente no crescimento destes sujeitos em família, em grupo e individualmente, trazendo prejuízos à sua socialização.

Assim, observa-se que os diversos fatores sócio-econômico-políticos e culturais-étnicos que ocorrem no macrosistema acabam por interferir diretamente na dinâmica familiar. Como, por exemplo: o fenômeno da exclusão social abrange os sistemas sociais básicos da sociedade, e não somente os laços sociais e referências simbólicas. Os teóricos sistêmicos afirmam que a exclusão social pode ter sua origem tanto em problemas individuais quanto problemas sociais. As causas podem surgir individualmente e se expandir para as mais amplas, ou vice-versa. Para eles, há casos em que as pessoas sofrem problemas individuais em decorrência dos sociais, o que é explicado por uma situação de transferência das causas sociais para as individuais, quando, na verdade, é importante estarem atentos para exigir que ocorram mudanças sociais que venham a reestruturar a sociedade nos seus aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos, que podem estar gerando ou fortalecendo a lógica de pobreza e da exclusão social. Contudo, a exclusão, na visão sistêmica, passa a ser vista como algo natural e mesmo inerente à sociedade, sendo reforçada num progresso contínuo, fazendo com que as pessoas ajam mecanicamente como meios necessários para a obtenção de lucro, pondo de lado as suas escolhas políticas e sociais.

Nos conflitos familiares, a exclusão social consegue infiltrar-se por um outro meio cada vez mais presente na relação intrafamiliar, a violência doméstica. A violência não pode ser dissociada das relações sociais. Ela deve ser compreendida levando em conta fatores que a definem de forma direta, como modelos de regime político e a injustiça social que perpetuam as desigualdades entre os homens sob a face cruel da exclusão social. Nestes contextos, mulheres e homens situam-se a partir de um conjunto de aspectos sócio-econômicos-étnicos e culturais pelos quais eles se vêm e sentem-se incapacitados, impossibilitados de realizarem nos diferentes níveis de desenvolvimento de sua individualidade. Desta forma a violência é também o reflexo de uma sociedade estigmatizada pela desigualdade social, pelo desrespeito com relação aos sujeitos de direitos, pela desqualificação na socialização e integração de crianças e adolescentes ao âmbito social.

Em muitos lares instituídos pela violência, pais ou responsáveis justificam repreender e castigar seus filhos como único modo para lidar com a desobediência dos mesmos. Alguns adultos para disciplinar suas crianças e adolescentes vão além disto, batem, espancam, torturam, queimam, espetam, furam, etc. O quadro de violência oscila passando por abusos sexuais cometidos pelos próprios pais ou responsáveis até a morte delas. Quando notificados nos casos de maus-tratos, a maioria diz estar arrependida, até que posteriormente voltem a repetir os atos; tratando-se da agressão sexual, há o silêncio que dá a impressão de não existir a violência.

A violência familiar existe e tende a aumentar à medida que vem sendo fortalecida pela exclusão social. Dados estatísticos podem confirmar o crescimento de ambas, adultos, crianças e adolescentes ficam estigmatizados não só fisicamente, bem como psicologicamente. Esse grave problema social acontece em famílias de todas as classes, o que se diferencia é a forma como cada

uma delas lida com o problema.

Portanto, as transformações societárias interferem e refletem diretamente nas relações familiares, que às vezes assumem ou renunciam posturas de proteção entre seus membros, como resposta da cultura e do próprio processo da realidade estabelecida. Subjetivamente, a família ao mesmo tempo em que influencia, também recebe influências. Neste sentido, a mídia, como exemplo de uma perigosa influência sobre a sociedade, ao noticiar a má informação à população, ao mesmo tempo vem enfatizando a violência como um trágico recurso de sobrevivência, o que acaba reforçando o discurso ideológico-dominante. No caso da violência doméstica, esta tem se agravado bastante nos últimos tempos, pois além de ser constantemente influenciada pelos meios de comunicação de massa, tem também encontrado reforços de outras esferas sociais como a do próprio âmbito familiar.

No caso específico do abuso sexual, o padrão (comportamento) de relacionamento estabelecido entre os pais pode criar uma relação favorável para que o abuso sexual ocorra durante tempos. Os pais das famílias incestogênicas se vêem presos a uma parceria emocional e sexual desigual, havendo, desta maneira, confusão e conflitos no que diz respeito ao lado emocional e sexual. Esta incapacidade dos pais em compreender e lidar com o que ocorre na relação intrafamiliar, bem como admitir que nela está havendo uma transgressão de valores, termina estabelecendo continuamente o cenário da violência sexual intrafamiliar de crianças e adolescentes. Estas, aterrorizadas pela relação incestuosa, permanecem presas sob as ameaças físicas e emocionais por parte do agressor.

Nesse tipo de relacionamento, os sentimentos de culpa e medo da punição impedem que o abuso seja revelado pelas pessoas envolvidas. No entanto, a relação mãe-filha, mesmo que tenha vínculos de confiança e uma proximidade estabelecida, tende a sofrer um bloqueio de sentimentos, de rejeição e de culpa. Assim, a criança não é socorrida pela mãe, pois esta não reconhece o abuso sexual como um trágico fato, além dos outros adultos não agressores. Conseqüentemente, o abuso tem sua continuidade como um segredo que se une a toda a confusão de hierarquia familiar, nas diferentes esferas emocional e sexual entre os pais ou outro responsável, agressor e vítima. A confusão sistêmica de hierarquias nos diferentes níveis funcionais une os membros da família em um sistema inadequado segundo os padrões socialmente construídos, que poderá perdurar por muitos anos.

Os padrões (comportamentos) de relacionamento nas famílias onde acontecem o abuso sexual de crianças e adolescentes se diferenciam. Além dos fatores sócio-econômicos e político-culturais que influenciam em todas as relações, sejam elas individuais, familiares ou sociais, existem fatores psiquiátricos e psicológicos individuais que influenciam nos relacionamentos interpessoais dentro de cada família. Estes fatores estão diretamente ligados às personalidades e às diferentes histórias de vida dos pais ou de membros dos diversos arranjos familiares estabelecidos, eles aparecem agindo inesperadamente durante a formação do padrão (comportamento) de relacionamento comum de abuso sexual da criança.

Para uma análise do abuso sexual na perspectiva sistêmica, torna-se imprescindível resgatar a relação existente entre os conceitos de microsistema, exossistema, macrosistema e ontogenético. O primeiro refere-se às relações intrafamiliares e aos seus subsistemas, como o subsistema conjugal e o subsistema pais-filhos, entre outros, enquanto o exossistema corresponde ao conjunto de influências oriundas de outros sistemas sociais ao sistema familiar, a exemplo do trabalho dos pais e dos grupos sociais dos quais a família faz parte. Já o macrosistema diz respeito a toda estrutura sócio-econômico e cultural que engendram as relações e valores do micro e do exossistema. Por fim, o desenvolvimento ontogenético trata-se das diferenças individuais que os pais trazem de suas histórias de vida para o microsistema familiar.

Nesse sentido, para compreender toda a dinâmica de um abuso sexual e trabalhar com a família e os respectivos conflitos existentes nestas relações, é necessário conhecer a história de vida dos pais, considerando o desenvolvimento de sua socialização, bem como as mudanças radicais de vida pelas quais tiveram que passar, pois elas futuramente poderão influenciar no desenvolvimento e comportamento dos filhos.

No período de 2001 a 2003, durante o atendimento às famílias e nas reuniões do grupo de pais de vítimas de violência sexual no CEDECA/BA, foi possível perceber a presença de diversas situações desestruturantes no interior das mesmas. O silêncio, por exemplo, foi identificado, em parte, como uma função sintomática, até o momento em que se impede o desvelamento do fato. Daí em diante a permanência do silêncio torna-se um ato de não proteção à vítima. Na verdade, trata-se de um meio para proteger a própria família de outras situações ou perdas, consideradas mais sofridas e dolorosas pelos seus membros. Para o adulto agressor, todo este processo servirá como reforço para a manutenção da relação abusiva intrafamiliar. O motivo individual para os pais se tornarem agressores ou se sentirem incapazes de proteger a criança pode estar relacionado à violência física ou sexual sofrida por eles quando crianças.

Em casos de mães sexualmente abusadas é comum a apresentação de sentimentos ambíguos com relação ao desejo de buscar ajuda para a violência acontecida com seus filhos. Ao ter conhecimento do abuso sexual vivenciado pelo filho ou filha, ressurgem o “mal que estava adormecido”, calado, na maioria das vezes, pelo ‘muro do silêncio’, perpetuado pela imaturidade, pelo medo das mães durante suas fases de vida e pela incompreensão das famílias de origem. Essas mães podem facilmente se isolar em um círculo, com o intuito de evitar a conscientização do que aconteceu com a criança, tendendo a utilizar a descrença como um mecanismo de defesa, por representar uma ameaça para elas em relação a si mesmas e aos seus relacionamentos.

As famílias, de uma forma geral, mostram dificuldades nos relacionamentos entre seus membros para comunicar-se, socializar conhecimentos, bem como expor os sentimentos uns com os outros. Ao tratar-se da família vítima da violência sexual, a dificuldade nos relacionamentos, atitudes e comportamentos agravam-se por causa da dinâmica familiar diferenciada, a qual não pode ser identificada claramente fora dela. Com relação à reincidência sexual intergeracional, ela é “mascarada”, pela repetição das atitudes, comportamentos, bem como pelo medo e falta de informação. Algumas mães abordadas, além de terem seus filhos violentados, também foram violentadas sexualmente, dentre elas tem-se o relato de uma mãe, na qual o fato – abuso sexual – repetiu-se inúmeras vezes por diferentes agressores. Ao relatarem o abuso sexual sofrido, as mães vitimizadas não conseguem lembrar de detalhes, nem se tentaram, na época, dar sinais da violência sofrida. Muitas vezes, quando criança, independentemente do rumo que tenha tomado o ato, denunciado ou não, elas tendem a internalizar o esquecimento como um mecanismo de defesa.

Fatores que contribuem de modo relevante com a reincidência sexual, na mesma família, entre gerações, são o medo e a impunidade. Todo o desgaste sofrido pela família começa desde o processo de aceitação e é intensificado pela impunidade decorrente do medo contido em todo ser social. Muitas vezes, o fato não chega a passar da porta de casa, havendo uma grande dificuldade em denunciar o agressor, que, em geral, é um membro da família. Esse comportamento é sustentado pelo medo e constrangimento em virtude do vínculo familiar do agressor. A reação de raiva e revolta gerada nos casos extrafamiliares torna mais fácil a sua denúncia, ao contrário dos casos intrafamiliares, cuja reação de raiva e revolta se confundem com uma relação de constrangimento, compromisso e cumplicidade.

A experiência no trabalho com essas famílias mostra que o medo e a impunidade são fatores marcantes que contribuem com a violência sexual de crianças e adolescentes, bem como na reincidência do abuso sexual na mesma família.

Enfim, pode-se concluir que toda família por questões macros e micros estruturais está vulnerável ao abuso sexual. Naquelas em que ocorre, se não houver uma intervenção ou um tratamento específico, com vistas à compreensão e ao enfrentamento do mesmo, corre-se o risco de naturalizá-lo, gerando, inconscientemente ou não, um espaço permissivo para a sua reincidência intergeracional, consolidando-se, assim, o abuso sexual na trajetória da família.

Faz-se necessário repensar a estrutura social-econômica-política e cultural da atual conjuntura no sistema familiar, nas relações sociais e familiares, relacionando-as com as mudanças e desafios hoje encontrados, entendendo que o impacto da realidade como um todo interfere diretamente e acaba por refletir na reestruturação das relações humanas de todos os sistemas existentes.

4. REFERÊNCIAS

A ESTRUTURA familiar da atualidade, sob o ponto de vista de alguns autores especialistas em terapia familiar. Disponível em: <<http://www.centro difusao.hpg.ig.com.br/artdef02ef.htm>>. Acesso em 10 mar. 2003.

ACKERMAN, Natan. **Diagnóstico e Tratamento das Relações Familiares**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986, p. 19-28.

COSTA, Alfredo Bruto da. Exclusões sociais. Lisboa, Gradiva., p.21-25. disponível em: <<http://www.eselx.ipl.pt/cidadania/cidadania/exclusões.hpm>> Acesso em 10 abr. 2002.

FURNISS, Tilman. **O processo familiar**. Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar. Trad: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p. 50-58.

_____. **Mães de crianças que sofreram abuso sexual, tendo sofrido elas próprias abuso sexual**. Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar. Trad: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p. 325.

KOLLER, Silvia Helena, AMAZARRAY, Mayte Raya. Alguns aspectos no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 11, 03, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 1998.

TRILLAS, Cristina Trullá. *A terapia familiar sistêmica. Em sintonia com o mundo*. Barcelona. España. Disponível em: <<http://www.google.com.br>> Acesso em 10 fev. 2003.